

ANÁLISE SEMIÓTICA DE UM DISCURSO MEMORIALISTA: A QUESTÃO DO SIMULACRO DO ENUNCIADOR

BEATRIZ GAYDECZKA (FFLCH /USP)

INTRODUÇÃO

Devemos dizer que a idéia de poder refletir a respeito das confluências existentes entre estudos semióticos e estudos da natureza do estilo e do gênero discursivo é extremamente interessante, porque representa uma oportunidade de, por meio de um recorte, expor uma linha de trabalho que caracterizará minha tese sobre “O discurso memorialista: questões de estilo e de gênero”.

Cabem ainda algumas observações quanto à organização do trabalho de tese, para que se façam compreender melhor as contribuições da análise semiótica aqui proposta.

Estamos diante de uma **voz institucional**, que propõe o trabalho concernente ao concurso “Olimpíadas da Língua Portuguesa – Prêmio Escrevendo o Futuro”, ao ator **estudante**, sujeito assim instituído como dialógico por excelência, já que será examinado enquanto responde à voz institucional. O estudante inscrito no concurso é estimulado a produzir um texto peculiar: sobre memórias voltadas para “o lugar onde vivo”. Para tanto, o sujeito-institucional manipula o sujeito-estudante para que este queira e deva produzir um texto em consonância com **a proposta**. Esse programa narrativo de base se fundamenta num destinador, a Instituição que procura partilhar com o destinatário-estudante valores comuns: escrever sobre memórias, o que supõe os desdobramentos fiduciários¹. É preciso crer que as memórias valem alguma coisa para que se possa refletir sobre elas – eis a linha de pensamento da voz institucional, subjacente a essas Olimpíadas da Língua Portuguesa que, paradoxalmente, chama-se “Escrevendo o Futuro”.

Para este artigo, o texto selecionado para análise e extraído de um desses cadernos do professor é o exemplar intitulado “Histórias da Velha Arigó”, no qual a jornalista cearense, Ariadne Araújo, confirma uma questão crucial para os estudos do discurso: a questão da autoria, trazida por nós para a problemática da enunciação. Além dessa discussão, iniciaremos por um *examine* da linguagem no seu nível de organização discursivo, já que procuramos nos manter sob os princípios teóricos e metodológicos da semiótica discursiva. Entendemos que as bases da semiótica greimasiana nos darão segurança para prosseguir nesta pesquisa, que se volta para o cotejo dos textos produzidos por estudantes das Olimpíadas e a proposta institucional. Centramos nosso foco, enfatizamos, na análise das características do texto como discurso, para que o sentido seja obtido como efeito de sentido e o sujeito seja obtido como efeito de identidade. Procuraremos, com o tempo, poder colaborar na investigação acerca da noção de estilo em gêneros pautados para produção de textos em situação de concurso, sendo esses textos, por ora, os relativos ao discurso memorialista. Outros cadernos terão como base outros discursos que servirão de trampolim para a produção dos alunos. A edição consultada do Caderno do Professor se fundamenta no discurso memorialista, de cujo exemplar reproduzimos o texto que segue. Antes da leitura, destacamos que descrever os efeitos de sentido construídos por esse texto permitirá que entendamos, num segundo momento, como e por que os candidatos das Olimpíadas da Língua Portuguesa respondem de modo próprio à voz institucional. Vamos ao texto.

HISTÓRIAS DA VELHA ARIGÓ

O caso que eu vou contar agora mudou a minha vida para sempre. E da minha família também. Até aquela época, com apenas oito anos de idade, eu vivia uma vida calma numa pequena cidade de serra de nome Baturité, no meu Ceará. Eu era uma menina cheia de saúde, alegre e festejada por todos pela cara de anjo que Deus me deu com olhos azuis e um cabelo louro cacheado. Mas meu pai, um agricultor da região, caiu em desgraça. De

¹ Fiduciário é termo referente ao processo em que o fiador, por meio de sua voz, se deixa falar na instância subjetiva; essa voz associa-se a uma cenografia construída pelo enunciatário e que instaura no processo enunciativo a incorporação da imagem de si no discurso do enunciador, de acordo com Karwoski (2008).

repente, perdeu toda a safra com a seca que, de tempos em tempos, expulsava gente para a Capital ou outras regiões do País. Naquele ano, nos idos de 1910, depois de mais um prejuízo, ele resolveu que chegara a nossa vez de ir embora.

O destino escolhido era o distante Acre, na fronteira do Brasil com outros dois países, a Bolívia e o Peru. Igual ao de milhares de outros nordestinos na mesma situação, dispostos a arriscar tudo ou nada no Norte do País, nas imensidões e perigos da floresta Amazônica.

De tão pequena, muita coisa perdeu-se na minha memória. Mas alguns episódios nunca mais vão se apagar. O dia da partida, por exemplo. No antigo porto de Fortaleza, no bairro por nome Iracema, a gente tinha a imensa visão do mar e, lá longe, da grande embarcação que nos levaria para longe. Mas, do alto da ponte de ferro onde esperávamos o embarque, era difícil imaginar de que forma chegaríamos até o navio, cujo apito alto mandava o aviso nervoso de que já era tempo de partir. Mas logo, logo saberíamos a resposta.

Com o apito, o negócio era apressar a partida. Os adultos desciam por conta própria até o bote que nos levaria ao navio. Mas, na nossa vez, o tratamento era o mesmo dado às cargas. Para não perder tempo, cada um de nós, pequeninos, era jogado da ponte metálica para o bote onde os pais e familiares tratavam de segurar o vôo ainda no ar. Mas, antes da minha vez, o arremesso de uma criança não deu certo. No bote, o homem não conseguiu alcançá-lo a tempo e o menino acabou batendo a cabeça e caindo no mar.

Morreu na hora. Diante de nós, em meio ao terror daquela cena, as ondas gigantes mostravam que o risco de morte estava apenas começando.

Nos interiores da Amazônia, meu pai foi trabalhar como seringueiro, entrando pelo território da Bolívia, tirando o sustento da extração do leite branco das seringueiras, as enormes árvores de onde se tirava o látex para fazer a borracha. Nossa família foi morar nas margens de um igarapé. No meio das árvores, da vida na selva, a gente sabia que havia perigos por todos os lados. Um deles eram as patrulhas de bolivianos que andavam na área expulsando os brasileiros. Uma noite, nós já estávamos todos dormindo, um desses grupos chegou. No comando dessa patrulha, uma mulher boliviana.

A notícia era que onde eles passavam era morte certa. Mas, se isso era mesmo verdade, naquela noite fomos salvos por uma espécie de milagre. Armas nas mãos, a patrulha prendeu toda a minha família, mas a chefe me viu e se encantou comigo, com meu cabelo loiro, com meus olhos azuis, algo nunca visto por aquelas bandas, naqueles tempos. Ela perguntou o meu nome, passou a mão sobre a minha cabeça e disse ao meu pai que me levasse dali para o mais longe possível. Depois, foi embora sem nos fazer mal algum.

Lembro que foi exatamente isso que meu pai fez. No dia seguinte, cedo da manhã, a família fez a mudança. Fomos morar numa área habitada por muitos outros brasileiros, já dentro do território do Brasil, onde estaríamos em segurança. Muitos anos mais tarde, quando meu pai morreu, eu, já adulta, voltei para a minha terra de nascença. Mas nunca poderia esquecer estas coisas que eu conto agora para os meus netos. Uma história cheia de riscos e de aventuras. A história da minha vida. Da minha família. Também dos primeiros trabalhadores que povoaram a Amazônia brasileira no começo do século XX.

(Texto de Ariadne Araújo, jornalista cearense, escrito com base no depoimento de Edilberto Cavalcanti Reis, neto de Alice Augusta Peixoto Cavalcante, narradora-personagem dessa história)

1 NÍVEL DISCURSIVO DO CONTO-DEPOIMENTO – NOTAS INTRODUTÓRIAS

Antes de mais nada, é bom destacar o lugar social da autora do texto: uma jornalista. Outro ponto importante é o gênero textual: não temos um conto literário, um ficção literária, mas um depoimento à moda de um conto. Diante do gênero “depoimento”, cai a função estética da linguagem. Não temos um texto com grandes pretensões a altos vãos. Ficam os efeitos de sentido de coisa vivida, mais do que coisa imaginada. No nível discursivo, temos um “causo”, relatado com efeito de

subjetividade, ou seja, um enunciador-narrador é o participante da própria história. Para isso estão os usos de pronomes de primeira pessoa, os pessoais (eu), os possessivos (minha vida) e assim por diante.

Para a categoria de pessoa, temos então firmado o tom memorialista na própria figura “minha memória”, do terceiro parágrafo. Os topônimos, que são as figuras de lugar, remetem ao Norte e Nordeste do Brasil, citando o Acre, Fortaleza e, além dessas indicações, a narrativa nos leva para a Amazônia, Bolívia, Peru. Os topônimos firmam uma memória de um sujeito em trânsito, este que narra a saga da própria família, em contínuo deslocamento.

O sujeito narrador constrói a imagem da vulnerabilidade física. Temos um ator-criança, que olha para os adultos segundo a paixão do medo: querer ser tão forte como eles, mas saber não poder ser. O narrador entende a si mesmo como pequenino, recupera-se como uma pessoa que “era jogado da ponte metálica para o bote onde os pais e familiares tratavam de segurar o vôo ainda no ar”.

Adiantando o olhar sobre o nível narrativo, onde estão as modalidades que constituem a competência do sujeito, vemos um actante espoliado do poder ser criança. A vida tirou dele os percursos da brincadeira, próprios da infância. Uma preocupação, fundamentada em estados de falta organizam passionalmente esse sujeito que, em companhia dos familiares, deslocam-se pelos confins do território brasileiro e arredores.

No discurso, o narrador se apresenta com os papéis temáticos de uma “meninota cheia de saúde” e bela, principalmente bela. O papel dela no mundo, como está já no primeiro parágrafo, era iluminar o mundo por meio de sua beleza: “festejada por todos pela cara de anjo que Deus me deu com olhos azuis e cabelo louro cacheado”.

A caracterização física do ator-menina, narrador e participante de sua história memorialista, firma um tipo físico que o discurso supervaloriza como privilegiado, o que ideologicamente avalia o tipo físico contrário, ou seja, moreno, cabelo liso, olhos pretos, como o feio, o da fealdade. Se o discurso é o lugar onde a enunciação assume os valores ideológicos, temos uma enunciação que discrimina um tipo físico, o loiro de olhos azuis e cabelos cacheados para, no sentido negativo da discriminação, subvalorizar o oposto.

Esse mesmo discurso se fortalece ideologicamente. Adiantando a narratividade, vemos que a beleza loura será o objeto mágico que, tal como nas narrativas de Wladimir Propp, salvará a menina e sua família das maldições da peregrinação entre patrulhas ameaçadoras “Armas nas mãos, a patrulha prendeu toda a minha família, mas a chefe me viu e se encantou comigo, com meu cabelo loiro, com meus olhos azuis, algo nunca visto por aquelas bandas, naqueles tempos”. “... algo nunca visto por aquelas bandas”, pois naquelas “bandas” só se viam o tipo físico contrário, que não poderia ser considerado objeto de encantamento, é o que está implícito no discurso. O analista do discurso pode deduzir que é uma memória que perpetua preconceitos.

Vejam agora com mais vagar de que forma se caracteriza o conto-depoimento, segundo os patamares do percurso gerativo de sentido, uma vez que é de fundamental importância o uso desse instrumento metodológico, para entender a enunciação na perspectiva discursiva.

2 UM OLHAR PAUSADO SOBRE O PERCURSO GERATIVO DE SENTIDO DO TEXTO *HISTÓRIAS DA VELHA ARIGÓ*

De acordo com Barros (2007) e Fiorin (2008) o percurso gerativo é constituído de três etapas: as estruturas fundamentais, as estruturas narrativas, e as estruturas discursivas, constituem um modelo de análise e de previsibilidade, que, ao mesmo tempo, apresentam generalizações sócio-históricas e especificidades de cada texto. Em relação ao texto anteriormente exposto, não pretendemos analisá-lo em toda sua complexidade; porém, vamos assinalar algumas de suas potencialidades por meio do percurso narrativo.

2.1 Estrutura fundamental de sentido

A *estrutura fundamental* é a estrutura elementar de significação mais simples e abstrata, pois surge como uma distinção semântica mínima de oposição, ou da “diferença” entre dois termos.

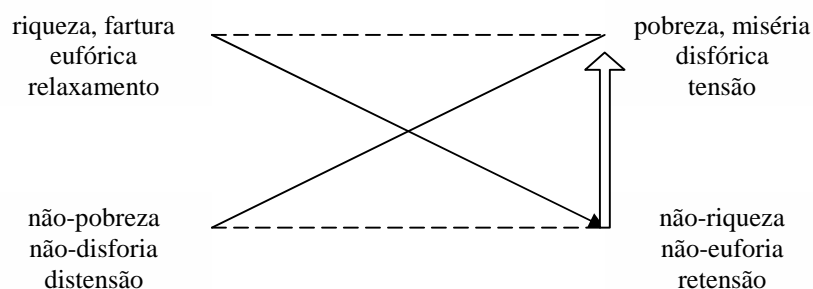
O nível fundamental no texto *Histórias da Velha Arigó*, pode ser entendido como constituído de diferentes da oposição entre eixos semânticos, como: **esperança versus frustração** – aquela é do domínio do sonho no qual se deseja algo, tem-se a esperança de mudar de vida; esta, da ordem da realidade, onde as condições de trabalho para a concretização da mudança são difíceis, tal

como se concretizam no discurso, com seus topônimos (lugares onde se passa a história), antropônimos (atores-personagens) e cronônimos (o tempo de então, o tempo das memórias). Ainda quanto aos eixos semânticos em oposição, poderia, também ser analisado outros universais semânticos que se dá em relação à menina (personagem-narradora), na qual a situação de mudança é analisada sob oposição **vida versus morte**.

Neste segundo eixo, teríamos a negação da vida pelos riscos da viagem e perigos em viver na floresta, e, a afirmação da morte quando o arremesso de uma criança não deu certo, quando a patrulha boliviana os encontrou, ou seja, toda a trajetória os acontecimentos faziam que diminuíssem os valores de esperança e aumentassem os de frustração. Sobre esse percurso, um outro é possível, em que pela fuga, nega-se a morte e afirma-se a vida.

Neste texto, optamos por aprofundar um terceiro eixo de sentido, representado pelo modelo do quadrado semiótico, que, de acordo com Greimas e Courtés (2008), é a representação visual da articulação lógica de uma categoria, permitindo distinguir o “parentesco” dos traços distintivos no interior de um paradigma; essas categorias semânticas são relacionadas de forma a diferenciar traços intrínsecos dos traços que lhes são distantes.

A terceira análise efetuada do nível fundamental de *Histórias da Velha Arigó* pode ser visualizada no modelo abaixo do quadrado semiótico:



No texto, o pai vê positivamente “ir arriscar tudo ou nada” na floresta amazônica, pois para ele é sinônimo de riqueza e prosperidade. No entanto, ao realizar a aventura, enfrenta a não realização do seu desejo, a não-materialização da riqueza, da fartura para a família. Do ponto de vista da dinâmica do sentido, ocorre operação de *negação* efetuada sobre o termo euforizante, riqueza → não-riqueza; denotando uma frustração que regula os significados do texto – riqueza → não-riqueza = pobreza –. Essa determinação constrói o mínimo de sentido disfórico ou negativo sob a perspectiva da ação do sujeito (pai) na estrutura elementar de significação desse texto.

Entretanto, cabe ressaltar que “a análise de um texto não consiste apenas em encontrar a oposição reguladora dos seus sentidos, pois, se isso fosse feito, reduziríamos a riqueza significativa a quase nada.” (FIORIN, 2008, p.45).

Com a análise da estrutura fundamental do texto, passaremos então à análise da *estrutura narrativa*, que está relacionada por uma espécie de conversão, pois sabemos que uma das grandes contribuições da semiótica é a noção da sintaxe narrativa para analisar o texto em relação às mudanças de estado, operadas pelo fazer transformador de sujeitos que agem no e sobre o mundo em busca de valores investidos nos objetos. Essa modificação de valores nos textos representa concepções políticas e éticas de vida de uma sociedade em determinado momento histórico, e o texto mostra por meio de simulações tanto a história do homem à procura de valores ou à procura de sentido, quanto aos acordos e aos conflitos que marcam os relacionamentos humanos.

2.2 Estrutura narrativa do texto *Histórias da Velha Arigó*

Na análise da *estrutura narrativa*, examinamos o tipo de situação que retrata a história de vida de sujeitos que possuem um vínculo ao seu lugar de nascimento e se vêem obrigados a se desfazer desse vínculo. Dessa forma, passa-se a pensar o que é que motiva famílias a saírem do lugar de origem e irem a outro lugar? Resolveremos essa questão a partir da estruturação do programa narrativo do texto.

A importância de estruturar um programa narrativo, concebida inicialmente por um modelo hipotético de descrição, está em direcionar a atenção às espécies, aos sujeitos que participam e se

afastam dele; e é nesse nível que se reencontrará na pluralidade das narrativas, sua diversidade histórica, geográfica, cultural.

Os percursos do esquema narrativo são organizações hierárquicas dos programas narrativos, concebidos como organizações de pelo menos um enunciado de transformação atuando sobre enunciados de estado de conjunção e de disjunção.

O percurso narrativo para análise de *Histórias da Velha Arigó* foi dividido em seis Programas Narrativos (PN) enumerados em ordem de fatos que mudam a perspectiva ou as ações dos actantes.

PN₁: a menina (narradora-personagem) tinha como objetos-valor uma vida calma, saudável, alegre e era festejada por todos; o sujeito do fazer é o pai “resolve” que era a vez da sua família ir embora, pois caiu em desgraça, perdeu toda safra, depois de mais um prejuízo; era isso que expulsava toda gente cearense para diversos lugares.

F² (mudar de cidade) [$S_1 = \text{pai} \cup \text{Ov} = \text{riqueza} \rightarrow (S_2 = \text{menina} \cap \text{Ov} = \text{ser calmo, saudável, alegre})$]

PN₂: o pai tira da menina (narradora-personagem) e da família os objetos-valor; tirar do lugar onde vivem dispostos a arriscar tudo ou nada no Norte do País, nas imensidões e perigos da floresta Amazônica. O sujeito do fazer é o pai; o sujeito de estado é a filha.

F (arriscar tudo ou nada) [$S_1 = \text{pai} \cup \text{Ov} = \text{riqueza} \rightarrow (S_2 = \text{menina} \cup \text{Ov} = \text{tranquilidade, saúde, alegria})$]

PN₃: o sujeito do fazer (pai) foi trabalhar como seringueiro, estava em situação de risco, pois explorava o território estrangeiro, tirava o sustento do látex, produto de extração, representando o setor primário da produção, o qual se agrega pouco valor; submete a família a viver nas margens de um igarapé no meio das árvores, da vida selvagem e arriscada.

F (extrair o látex) [$S_1 = \text{pai} \cap \text{Ov} = \text{não-riqueza} \rightarrow (S_2 = \text{família} \cup \text{Ov} = \text{segurança, tranquilidade})$]

PN₄: vivendo em meio aos perigos da selva, o sujeito do fazer, uma mulher (adulta) comandante da impiedosa patrulha boliviana ordena ao pai (adulto) que levasse a menina (criança) longe dali.

F (mudar para lugar mais civilizado) [$S_1 = \text{mulher} \rightarrow (S_2 = \text{pai} \cup \text{Ov} = \text{vida})$]

PN₅: muitos anos mais tarde, após a morte do pai a menina (narradora-personagem já adulta) volta à cidade de nascença.

F (voltar a cidade de nascença) [$S_2 = \text{pai} \cap \text{Ov não-vida} = \text{morte} \rightarrow (S_1 = \text{menina/adulta} \cap \text{Ov} = \text{ser calmo, saudável, alegre na cidade natal})$]

Nestes programas narrativos temos o destinador que iludido por promessas de vida melhor, transforma a realidade do destinatário (filha ou a família) nos PN 1 a 3, onde há atitudes de recepção passiva das transformações pelos destinatários; mas, houve, concomitantemente, privações de valores para os sujeitos do fazer e de estado. Os percursos passionais mais bem definidos no texto são de manipulação, de medo, de frustração e decepção.

Nesse nível narrativo, na história da família de Alice Augusta (narradora-personagem), a manipulação acontece quando o pai se vê obrigado a tomar uma decisão que mudaria a estrutura de vida da família; assim como a milhares de outras famílias que foram induzidas a acreditar nas “terras de oportunidades”, temos aqui uma relação de disjunção tanto em relação ao “querer ser” quanto ao “poder ser”. No nível do fazer, eles realizam a viagem, aceitam, portanto, a manipulação da trajetória social, o pai cumpre o papel que um homem inserido nesse grupo social “deve fazer”, o de sustentar a família. Mas no nível do ser, ou do “querer ser”, representado por ir além de apenas suprir as necessidades básicas, isso não ocorre. Coloca-se ainda o problema das inúmeras situações de risco que a família enfrenta, principalmente a frustração e a decepção:

² De acordo com Greimas e Courtés (2008): F = função; S_1 = sujeito de fazer; S_2 = sujeito de estado; Ov = objeto (suscetível a receber um investimento semântico de valor); [] = enunciado de fazer; () = enunciado de estado; \rightarrow = função do fazer (transformação); $\cap \cup$ = junção (conjunção ou disjunção que indica estado final da consequência do fazer).

Para entender a frustração e a decepção, devem-se prever estados passionais anteriores e transformações que desemboque nas situações de frustração e decepção. Só o sujeito que ambicionar um objeto-valor e que acreditar poder obtê-lo sofrerá a frustração, se não o conseguir, só o sujeito que esperar de outro a realização de suas aspirações ficará com ele decepcionado, se elas não se concretizarem. Há, portanto, um percurso passional marcado por determinações modais, que produz efeitos passionais em exame. (BARROS, 2008, p. 48)

Nesse caso, os problemas da vida no Ceará onde os agricultores, de tempos em tempos, com a seca, perdiam a safra, criam a situação da falta de alimentos para comercialização e para sanar a fome. Apesar de viverem uma vida calma em uma pequena cidade sem violência, sem perigos e riscos, onde existiam relações interpessoais mais profundas, queriam sair da vida miserável, pois faltava trabalho, dinheiro, desenvolvimento. Assim, a maior privação era a da falta de perspectiva de enriquecimento. Perspectiva não-realizada, nem mediante a trajetória da família, onde temos um pai frustrado por não conseguir ascensão social, a família decepcionada em função de o pai não concretizar suas aspirações, e ainda, por perderem o que possuíam no Ceará.

Em *Histórias da Velha Arigó*, o sujeito *pai* opera a transformação que põe o sujeito *menina* em situação de dominação, e ao fim da história a própria menina (já adulta) realiza a transformação que a coloca em estado de liberdade, esse valor a menina se relaciona por meio de objetos, e essa é uma relação volitiva, ou seja, modalizada pelo querer. Desse modo, a menina quer realizar a transformação de sua situação de dominação em estado de liberdade, com base em Barros (2003).

Encaminhadas as análises das estruturas fundamentais ampliadas em estruturas narrativas, a narrativa torna-se discurso, no qual exploraremos a problemática da enunciação no texto, e a imagem do enunciador do discurso.

3 A PROBLEMÁTICA DO TEXTO E DO ENUNCIADOR

Para entendermos a imagem do enunciador é preciso pensar na intencionalidade desse mesmo enunciador, sujeito discursivo, ao produzir um texto dessa natureza. Quais são as condições de produção e com base em que informações ele produziu esse texto? Por que sente a necessidade de dar voz a um sujeito que contava suas histórias ao seu neto?

Para responder à primeira pergunta, é necessário conhecer a natureza constitutiva do texto. Este texto é uma narrativa, como dissemos; possui em sua estrutura: narrador-personagem (Alice Augusta), atores (Alice, o pai, adultos, crianças e a mulher líder da patrulha da selva), espaço (pequena cidade de serra de nome Baturité, no Ceará e a selva amazônica divisa do Brasil com a Bolívia), tempo (a partir de 1910), enredo (perigos ao mudar da cidade natal); o seu tema trata da história de vida de uma família cearense. Temos uma tipologia narrativa, cuja finalidade é contar, conhecer, lembrar a história de vida de pessoas mais velhas que viveram no inseridas em esferas de atividades sociais cotidianas de uma parte do povo nordestino.

Para identificar as condições de produção desse texto, é necessário pensar em duas situações diferentes:

a) a natureza da modalidade oral, na qual a entrevistadora obtém as informações, normalmente os textos falados podem dispensar a descrição, são planejados à medida que são produzidos, por isso há inúmeras situações em que o falante pode usar falsos começos, marcas de hesitação, reformulações, partículas de confirmação (*né, certo, viu*), expressões intercaladas utilizadas para mudança de assunto;

b) o texto final, na modalidade escrita, foi elaborado com base na entrevista de Edilberto. Na escrita, há a preocupação com a organização das partes, com as informações consideradas ou desprezadas, com o parcial apagamento das expressões da oralidade. O texto *Histórias da Velha Arigó* é um texto fruto de uma atividade de língua falada, por isso algumas especificidades dessa modalidade estão presentes no texto escrito. Por exemplo, o uso abusivo de conjunções adversativas: “Mas meu pai, um agricultor da região”; “Mas alguns episódios nunca mais vão se apagar.”; “Mas, do alto da ponte de ferro onde”; dentre várias outras recorrências.

Na escrita a construção dos atores, da temporalização e da espacialização se dá partindo das referências dêiticas que se referem à enunciação, já que o narrador fala da própria história, nesse conto

que julgamos por bem classificar como conto-depoimento. Tratamos a seguir de cada um desses aspectos.

Atores do enunciado (personagens):

Nesse texto, o narrador se apresenta ao leitor como personagem, não custa enfatizar. Retomando o que já dissemos, destacamos: Como ele se constrói? Começa por instaurar-se como “eu” sem se atribuir um nome. Em seguida, se autodescreve, conferindo a si mesmo a série de traços qualificadores já ressaltada. A narradora-personagem compara-se a anjos celestiais, para mostrar que isso a fazia ser delicada, intocada, admirada como nenhuma outra criança: *com apenas oito anos de idade, meninota cheia de saúde, alegre e festejada por todos pela cara de anjo que Deus me deu com olhos azuis e um cabelo louro cacheado*. A figura de anjo celestial é dada como estereotipia de colonizado. Mostra que ela vivia em perfeita harmonia com as pessoas e com o lugar onde nasceu e viveu. Ao fim do texto, é responsável por puxar uma nova leitura ao dizer: “*Mas nunca poderia esquecer estas coisas que eu conto agora para os meus netos.*” Dessa forma, o “eu” narrador do texto se desloca no final para o papel temático de uma avó que conta suas histórias para os netos (narratários). Por outro lado, alguns acontecimentos apresentados a colocam em situação de heroína, pois o cabelo loiro e os olhos azuis encantaram a mulher que liderava a patrulha de algozes, poupando assim a família da morte naquele momento. Mas a heroína não é realizada por ações heróicas, como luta, privações e sofrimentos em prol da boa sorte da família. O que a torna um sujeito vencedor é o “dom celestial” de ser loira de olhos azuis, na verdade, a inocência e a “angelicalidade” que se traduziam neles e que contrastavam com a cruel realidade circundante.

Temporalização:

De uma forma geral, a organização temporal dominante no texto é do sistema enuncivo, a apresentação das ações são descritas no pretérito instalado no texto, mas é interessante analisarmos alguns fragmentos do enunciado:

1. O causo que eu **vou contar** agora **mudou** a minha vida para sempre.



Desenvolve-se o início do texto no sistema enunciativo em função do agora, marco referencial presente, simultâneo ao momento da debreagem enunciativa.

2. Até aquela época, com apenas oito anos de idade, (...)

3. Naquele ano, nos idos de 1910, depois de mais um prejuízo, depois de mais um prejuízo, ele resolveu que chegara a nossa vez de ir embora.

Essas seqüências criam uma ancoragem, marco referencial de pretérito. Passa-se a estruturar a seqüência enunciva, resolveu concomitância a um acontecimento acabado e pontual; chegara nossa vez de ir indica não-simultaneidade ao anterior, nesse caso, é um pretérito posterior ao anterior.

4. Morreu na hora. Diante de nós, em meio ao terror daquela cena, as ondas gigantes mostravam que o risco de morte estava apenas começando. Nos interiores da Amazônia, meu pai foi trabalhar como seringueiro, entrando pelo território da Bolívia, tirando o sustento da extração do leite branco das seringueiras.

Inserido no sistema enuncivo pretérito a partir da morte do menino, o texto apresenta a predominância do pretérito imperfeito e do gerúndio, marcando tempo contínuo, inacabado e duradouro. Transpondo ao leitor a sensação de que monotonia interminável, de peso, de tempo perigoso e cansativo que não passa.

5. Mas nunca **poderia esquecer** estas coisas que eu **conto** agora para os meus netos.



Narrador projeta no futuro coisas que realiza no presente, pois para ela foram ações fortes e marcantes.

Espacialização:

De onde o narrador fala? Qual é a sua localização?

FRAGMENTOS	ESPAÇO
------------	--------

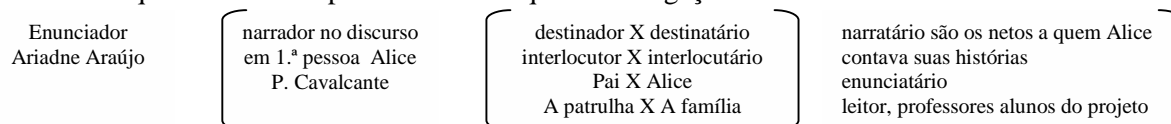
Eu vivia uma vida calma <u>numa pequena cidade de serra de nome Baturité, no meu Ceará.</u>	Nordeste
O destino escolhido era o distante Acre, <u>na fronteira do Brasil com outros dois países...</u>	norte
No antigo porto de Fortaleza, no bairro por nome Iracema, a gente tinha a imensa <u>visão do mar e, lá longe, da grande embarcação que nos levaria para longe.</u>	nordeste / norte
Nos interiores da <u>Amazônia...</u>	norte - trabalho
Nossa família foi <u>morar nas margens de um igarapé...</u>	norte - moradia
Um deles (perigos) eram as patrulhas de bolivianos que andavam <u>na área</u> expulsando os brasileiros.	norte não-norte, mas Bolívia
Fomos <u>morar numa área habitada</u> por muitos outros brasileiros, <u>já dentro do território do Brasil</u> , onde estaríamos em segurança.	norte Brasil
...voltei para a minha <u>terra de nascença.</u>	nordeste

É uma história em que os elementos de referenciais de espaço são transitórios, mudam constantemente. O espaço do *aqui* simula o lugar da enunciação enunciada durante a vida da narradora, e o espaço em que se encontra contando histórias aos seus netos, de acordo com o programa narrativo do texto, que seja no nordeste.

Como se observa, os tempos e os espaços lingüísticos não são imitações do tempo cronológico, de espaço demarcado, mas são construções do enunciador que possibilita expressar por meio da voz dele, experiências relatadas por uma pessoa que não as viveu. O enunciador do texto, por meio das histórias “terceirizadas” por Edilberto, tenta presentificar as sensações de tempo e espaço simulando a narradora-personagem “eu”, “aqui” e “agora”. Se ela não tivesse criado essa situação, haveria um abundante uso de verbos *dicendi*, - ele disse que, ela falava, contava que – e o empobrecimento desse jogo semântico que é uma das maiores problemáticas para construção coerente do texto.

Por consenso sabemos que o conceito de narrador “é o simulacro discursivo do enunciador, explicitamente instalado no discurso a quem o enunciador delegou voz, ou seja, o dever e o poder narrar o discurso em seu lugar” (BARROS, 2007).

O quadro abaixo representa a hierarquia na delegação de voz no discurso:



É oportuno encerrarmos nessa evidência. A dificuldade está em chamar a atenção ao processo único, problemático e fingido do fazer narrativo. O texto de Ariadne Araújo confirma uma questão importante dos estudos do discurso: a tese da autoria, trazida para a problemática da enunciação a qual desenvolveremos a seguir.

O texto *Histórias da Velha Arigó* apresenta conforme a indicação da fonte: o autor “de carne e osso” está nomeado como indicação bibliográfica sob a designação de Ariadne Araújo, jornalista cearense. É de Ariadne a autoria “real” do texto?

No entanto, a própria fonte indica o encadeamento autoral que resultou no simulacro do enunciador. Temos, então: o texto de Ariadne baseado no depoimento de Edilberto Cavalcanti Reis. Edilberto, que é neto de Alice Augusta, fez depoimento sobre a vida da avó à jornalista; Ariadne, para produzir o texto memorialista, travestiu-se de Alice Augusta Peixoto Cavalcante narradora-personagem da história.

Neste caso, há necessidade de discussão de importantes temas da enunciação como a questão da imagem do enunciador pressuposto criada pelo texto, a problemática do narrador e do narratário, o papel do leitor na produção de sentido.

O texto, em relação à enunciação, pode ser concebido sob duas acepções. A primeira, como situação de comunicação, na qual ocorre a entrevista de Edilberto à jornalista Ariadne, apresentando-se como ato de linguagem em sua singularidade, pois o procedimento empregado para a obtenção das informações mascarou ou apagou as marcas desse momento.

A segunda acepção é instância lingüística, envolvendo o enunciado considerado resultado da enunciação, manifestada em discurso memorialista.

E é nesse discurso que pensamos a problemática da imagem do enunciador pressuposto criado pelo texto em função de Ariadne (enunciador) simular um espaço das virtualidades semióticas, pois instaura um sujeito da enunciação em seu lugar e no lugar de Edilberto. Portanto é pressuposto lógico da entrevista, de uma enunciação enunciada, que é apenas o simulacro que imita, dentro do discurso, o fazer enunciativo: “eu”, “aqui”, “agora” (de Alice), encontrados no discurso enunciado, de Edilberto por um “tu”, “lá”, “no passado” (de Alice).

No jogo enunciativo apresentado na indicação da fonte do texto, fica desvelado o simulacro discursivo, ou a imagem do enunciador do texto. Não interessa absolutamente para os estudos discursivos o autor biográfico, mas tão somente o autor produzido no próprio texto como efeito de identidade.

Tem-se a junção de Ariadne, Edilberto, Alice num amálgama exclusivamente referencial, pois o que vale para a produção do sentido é o tom, o caráter³, a voz do enunciador. E é essa voz que o leitor, o sujeito-estudante captará para produzir um texto que se concretiza num gênero de fronteira, ou seja, um gênero que pode transitar em esferas discursivas variadas.

A necessidade de o enunciador produzir um texto essas características sobre o tema migração não é vã. Ao analisarmos o título “Histórias da Velha Arigó” descobrimos que a palavra *arigó* designa ave migratória, foi empregada pelos próprios migrantes nordestinos para se auto-referirem. Esses migrantes foram também chamados “soldados da borracha”, ou seja, os arigós contam a história dos primeiros desbravadores da floresta amazônica que acreditaram nas promessas do Estado Novo de que teriam direitos sociais assegurados, pois se tratava de um serviço de guerra, um serviço patriótico, segundo Guillen (2001).

Por se tratar de um discurso memorialista, a intencionalidade do enunciador é a de mostrar a ignorância, os enganos e as privações pelas quais passaram essas pessoas.

A conversa era bonita. Promessas de riqueza fácil. Trabalho simples, uma moleza só. Além da chance de se tornar herói, ajudar a pátria num momento particularmente complicado. Para quem enfrentava secas e outras privações, nada mais atraente. Foi dessa maneira que uma leva de 53 mil nordestinos partiu para a Amazônia. Formavam um exército: o da Borracha, que tinha por missão recolher látex, nos confins da floresta tropical, para ser usada pelos Aliados na batalha. Fizeram sua parte, mas acabaram condenados ao esquecimento. (VIANA; 2008)

Diante do drama de ser iludido por uma propaganda enganosa, o enunciador se comove e está inconformado com o esquecimento de uma história que o Brasil não conhece, que não aparece nos livros, que ninguém nunca ouviu. Dessa forma, necessita trazer à tona essa memória. Trata de um episódio da história cotidiana de uma família, mas que tenta representar um imaginário coletivo por meio das expressões:

“destino (...) Igual ao de milhares de outros nordestinos na mesma situação”;

“histórias (...) Também dos primeiros trabalhadores que povoaram a Amazônia brasileira no começo do século XX.”

Assim, a imagem do enunciador é a de denunciador; entretanto, não expõe a denúncia de forma agressiva, grave, enérgica, mas a insere sutilmente, com efeito de realidade e perspicácia, no lugar de uma avó que conta sua história de vida aos netos.

Posto que textos de natureza memorialista, em síntese, são produzidos por escritores que revivem uma época por meio de suas lembranças pessoais e buscam narrar suas memórias de um modo literário, a fim de despertar emoções estéticas no leitor, de levá-lo a compartilhar suas lembranças de uma forma vivida, vemos que nessa história o propósito do enunciador não está tão firmemente pautado em um fazer estético. Enunciador alia, na relação sutil entre conteúdo e expressão, uma função utilitária de documentar, episódios históricos por meio de um conto-depoimento da trajetória de um povo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

³ Esses termos, que em uma discussão mais atual, são substituídos pelo conceito de *éthos* discursivo, a imagem projetada de si no discurso, imagem dada pelo modo de dizer depreendido do próprio enunciado.

Esse trabalho, ao empregar a semiótica greimasiana para análise da estrutura fundamental, narrativa e discursiva de um texto de cunho memorialista, e, ao fazer um estudo do problema da enunciação, pretende lançar as bases para o entendimento a ser desenvolvido em nossa pesquisa, sobre os investimentos semânticos relevantes para distinguir diferentes níveis enunciativos e, por meio dessa distinção, poder descrever o modo como o texto diz, como e por que o faz.

O trabalho desenvolvido nesse artigo é uma análise preliminar, que nos instiga a ampliar as análises semânticas e discursivas, levando em consideração outros pólos de composição enunciativa, como o *éthos* do enunciador em outros exemplares de textos presentes nos *Cadernos do professor* das diferentes edições do programa “Olimpíadas da Língua Portuguesa – Prêmio Escrevendo o Futuro”. Interessa-nos sobremaneira a questão da manipulação da voz sujeito-institucional do concurso desenvolvida em relação à voz do sujeito-estudante, bem como o papel do professor, esse ator da mediação no processo do concurso. Certamente para atingirmos um bom procedimento de análise do *éthos* do enunciador resultante dos textos dos alunos finalistas do concurso, como dialógicos e responsivos ao texto institucional exigirá de nós grande empenho para conhecer a semiótica, como teoria do texto, visto para além das aparências. É isso que queremos: continuar a estudar semiótica, fazendo a ponte com os estudos de Bakhtin, principalmente na questão do gênero.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Diana L. P. de. **Teoria semiótica do texto**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- _____. Estudos do discurso. In: FIORIN, José L. (Org.). **Introdução à Lingüística II**: princípios de análise. São Paulo: Contexto, 2003, p. 187-219.
- FIORIN, José L.; PLATÃO, Francisco S. **Para entender o texto**: leitura e produção. 17. ed. São Paulo: Ática, 2008.
- _____. **Em busca do sentido**: estudos discursivos. São Paulo: Contexto, 2008.
- GREIMAS, Argidas J.; COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Contexto, 2008.
- GUILLEN, Isabel C. M. **Seca e migração no nordeste**: reflexões sobre o processo de banalização de sua dimensão histórica. Fundação Joaquim Nabuco, n. 111, Ago., 2001. Acessado em: <http://www.fundaj.gov.br/tpd/111.html>.
- KARWOSKI, Acir M. **A construção do ethos institucional do Banco do Brasil em anúncios publicitários**. Tese (Doutorado em Letras – Estudos Lingüísticos) – Setor de Ciências humanas, Letras e artes. Universidade Federal do Paraná, 2008.
- VIANA, Christiane. **Heróis esquecidos**. Publicado em 05 de jun. de 2008, em O Povo. Acessado em: http://www.nordesteweb.com/not01_0304/ne_not_20040309e.htm